

07-06-2021

LEIA ESSA CANÇÃO
ESTRADA BRANCA
(TOM & VINICIUS)

Alisson Azevedo

[Diretor de relações públicas da Associação dos Deficientes Visuais do Estado de Goiás - ADVEG]

No filme “Veja essa canção”, o cineasta Cacá Diegues elegeu algumas canções populares que mereciam virar roteiro de cinema. Deu tão certo que um amigo resolveu parodiar o cineasta, e concebeu o projeto “Leia essa canção”, cuja execução foi sendo adiada *sine die*. Agora, aproveitando que esse meu amigo acha-se cronicamente foragido, me aproprio da ideia. Existem canções que, seja por sua força, grandeza ou carga lírica, merecem ser lidas. Não como poemas, embora também o sejam, mas como síntese de um percurso existencial, de um projeto estético ou de um tema lírico. Neste espaço, pretendo ler algumas das canções pelas quais fui e sou atravessado audições agora – e versos a fio. Começo com “Estrada branca”, uma “doce melopeia” de Tom Jobim, com versos sobejamente líricos de Vinicius de Moraes. Como viver depois que a música acaba? Eu não sabia da grande questão nietzscheana quando ouvi “Estrada branca” pela primeira vez, na voz aveludada de Vânia Bastos (ouça). À parte o clichê, naquele momento eu quis casar com a Vânia, dar o ombro ao Vinicius, tatuar no peito que “meu maestro soberano / Foi Antônio Brasileiro”. Pra ouvir de novo a triste e bela canção-dilema, Voltei a fita cassete tantas vezes que meu antigo gravador aprendeu sozinho a achar o ponto exato daquele recomeço sem fim. Aliás, como viver quando o amor chega ao fim? Eis o dilema – insolúvel, diga-se logo – do eu-lírico da canção. A pretexto de evocar a paisagem, bela e noturna, ele deixa escapar sua grande dor já na primeira estrofe:

“Estrada branca / Lua branca / Noite alta
 Tua falta caminhando / Caminhando
 Caminhando / Ao lado meu”

Caminhante, o eu-lírico tem apenas, além da “estrada branca”, além da “lua branca”, além da noite alta”, a falta: a terrível falta do grande amor. E é essa falta, numa imagem esvaziada de pertencimento e de porvir, que agora caminha a seu lado. Como sabe qualquer desnamorado digno dessa inglória condição, perder o grande amor tem escala e tem escalada. Na próxima estrofe, o eu-lírico, sempre caminhando, chega ao muro cinza das lamentações por tudo que perdeu:

“Uma saudade / Uma vontade / Tão doída
 De uma vida / Vida que morreu”

Vida e morte, como metáfora, mas também como sentido, demarcam na canção a presença / ausência do grande amor. Afinal, todo desnamorado que se preze experimenta, na separação de corpos e de almas, o inexacto sentido da “vida que morreu”. A próxima escala do eu-lírico é a solidão do caminho:

“Estrada passarada / Noite clara
 Meu caminho é tão sozinho / Tão sozinho / A percorrer”

Mas na solidão do caminho, o eu-lírico devaneia sobre a (im)possibilidade do retorno. Tanto é assim...

“Que mesmo andando / Para a frente
 Olhando a lua tristemente

Quanto mais ando / Mais estou perto / De você”

Segue em espiral o (des)caminho desse desnamorado.

Em espiral também se desenvolve a melodia jobiniana que embala os versos de Vinicius. Os acordes mimetizam o vaivém amoroso, a inconstância constante, o desfazer-se e o refazer-se contidos no mote da separação. E segue o eu-lírico, a cogitar o impossível:

“Se em vez de noite / Fosse dia / Se o sol brilhasse / E a poesia
 Em vez de triste / Fosse alegre / De partir”

Aí você parava de caminhar, eu-lírico. Todo desnamorado experiente bem sabe que o que te impele é a noite, é a tristeza, é a falta. Mas esse eu-lírico, como é próprio dos desnamorados, leva ao paroxismo seu delírio de retorno:

“Se em vez de eu ver / Só minha sombra / Nessa estrada
 Eu visse ao longo / Dessa estrada
 Uma outra sombra / A me seguir”

Meu pobre eu-lírico, como você bem disse lá atrás, quem te segue nessa estrada não é a sombra: é a falta. Quem avisa, amigo é. Afinal, como você e todos os desnamorados caminhantes bem sabem:

“Mas a verdade / É que a cidade
 Ficou longe, ficou longe
 Na cidade / Se deixou meu bem-querer”

“Na cidade / Se deixou meu bem-querer”. Não é possível passar por esses versos sem destacar o respeito do eu-lírico pela escolha da amada. No manejo lírico do mote da separação, Vinicius sempre primou pelo respeito à escolha. Seu maltratado verso “E que seja infinito enquanto dure”, contido em seu “Soneto de fidelidade”, dá bem a medida dessa liberdade amorosa sobre a qual ele tanto escreveu e, no fim das contas, viveu. A digressão, enfadado leitor, ainda mata a crônica. “A quantas anda o nosso eu-lírico?”, inquire a atenta leitora. Saibamo-lo dele mesmo:

“Eu vou sozinho sem carinho
 Vou caminhando meu caminho
 Vou caminhando com vontade de morrer”.

Agora é hora de acreditar e desacreditar do poeta.

Um fingidor, eis o que ele é. Quem conhece o itinerário poético-existencial de Vinicius sabe que quando ele começava a se dizer “sozinho sem carinho”, quem falava já não era o abandonado, mas o sedutor. Sabe também que um novo amor já estava em vista. Quanto à “vontade de morrer” que serve de melancólico arremate à canção, ela tampouco me comove.

Pois se é certo que todo desnamorado digno de sê-lo já teve essa funesta vontade, também é certo que ela é coisa que dá e passa. Bem fez o eu-lírico, que seguiu “caminhando, caminhando” o seu caminho. Apesar da vontade de morrer, e talvez por causa dela. Como sabia Vinicius, no amor, não raro, instinto de morte também pode ser pulsão de vida nova.

E de novo amor, como em “Caminhos cruzados”.

Mas essa já é outra conversa, que fica pra outra leitura de outra canção do Tom, dessa vez sem Vinicius. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.